

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 168 MARÇO DE 2025 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR

Cândido celebra
80 anos da poeta
Alice Ruiz,
com entrevista
exclusiva

VIVA ALICE



Índice

3 ESPECIAL CAPA

Alice em versos, prosas e plantas

Alice Ruiz

por Redação *Cândido*

21 RETRANCA

Prateleira

Redação *Cândido*

22 REPORTAGEM

**Do sebo ambulante a shows em livrarias:
os caminhos do livro em Curitiba**

Nayara Almeida

30 ESPECIAL

Para sempre

Wilson Bueno

34 TRADUÇÃO

Sea Song

Katherine Mansfield

por Paula Nishizima

40 POESIA

national geographic e outros poemas

Thais Campolina

46 ORELHAS MARCADAS

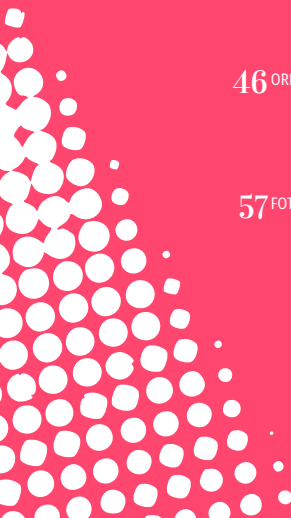
**Por quantos segundos o leitor do futuro
vai conseguir ler esta coluna?**

Carlitos Marinho

57 FOTOGRAFIA

Nenhuma Vida a Menos

Luiza Yasumoto



Alice em versos, prosas e plantas

Alice Ruiz

por Redação *Cândido*

Edição: Marianna Camargo

Conteúdo e produção: Felipe Azambuja, Isa Honório e Maria Beatriz Peres

Fotos: Kraw Penas e Maria Beatriz Peres



> Alice Ruiz



Alice Ruiz recebeu a equipe do jornal *Cândido* em uma tarde quente no início de fevereiro, alguns dias depois de seu aniversário, dia 22 de janeiro, em que completou 80 anos. Da sua janela, uma imensa Guapuruva, e em sua sala, inúmeras plantas, fotos e obras. Neste ambiente iluminado, Alice contou sobre sua trajetória, sobre seus desejos, e sobre como começou a escrever: "Havia um regato de água perto de onde morava, no terreno baldio, e ficava lá, escrevendo". Mal sabia ela, aos nove anos, que seriam os primeiros esboços de haicais. "Não sabia o que era aquilo, simplesmente gostava de fazer". Alice alterna entre sorrisos, pausas, pensamentos e uma certa seriedade quando fala das questões pessoais e também profissionais. "Escrever é difícil, a gente vai ao fundo do poço".

Aos 26 anos, publicou pela primeira vez seus poemas em revistas e jornais culturais. Escreveu, antes de lançar seu primeiro livro, textos feministas no início dos anos 1970 e editou algumas revistas, além de textos publicitários e roteiros de histórias em quadrinhos.

No final da década de 1970, em plena Ditadura Militar, roteirizou histórias em quadrinhos eróticas, desenhadas por artistas como Claudio Seto, Júlio Shimamoto, Flávio Colin e Itamar Gonçalves na editora Grafipar de Curitiba.

➤ Alice Ruiz no lançamento
de *Navalhanaliga*, 1980



Foto: Arquivo pessoal / Alice Ruiz | Edição: Cândido

Ela lançou seu primeiro livro *Navalhanaliga*, aos 34 anos, em 1980. "Publiquei tarde por inúmeros motivos, e a partir daí continuei". E nessa continuação foram 21 livros, entre poesias, traduções e uma história infantil. Recebeu o Prêmio Jabuti pelos livros de poesia *Vice Versos*, 1989, e *Dois em Um*, 2009. Haikaista, traduziu quatro livros de autores e autoras do Japão, nos anos 1980. Em 1993 foi homenageada pela comunidade nipônica brasileira com o nome de Yuuka.

Compõe letras de música desde os 26, tendo lançado, em 2005, seu primeiro CD, o *Paralelas*, em parceria com Alzira Espíndola. Possui diversas canções gravadas por parceiros e intérpretes. Alice revela: "Queria ser cantora, mas acabou que fiz muitas parcerias musicais, como letrista". Ela comenta que é um trabalho prazeroso, pois é uma troca, diferente do ofício da escrita, muito mais solitário.

A escritora participou de inúmeros projetos: Arte Postal, pela Arte Pau Brasil; da Exposição Transcriar - Poemas em Vídeo Texto, no III Encontro de Semiótica, em 1985; do Poesia em Out-Door, Arte na Rua II, em 1984; Poesia em Out-Door, 100 anos da Av. Paulista, em 1991; da XVII Bienal, arte em Vídeo Texto e também integrou o júri de oito encontros nacionais de haikai, em São Paulo.

Alice nos diz que tem um livro pronto, que falta apenas o título. "Não consigo publicar se não tiver um título, primeiro preciso do nome", pontua com firmeza.

Intensidade, leveza e profundidade. Alice Ruiz poderia ser a mais perfeita tradução de um de seus poemas "Penso e Passo":

*Quando penso que uma palavra
Pode mudar tudo
Não fico mudo
Mudo*

*Quando penso que um passo
Descobre o mundo
Não paro o passo
Passo*

*E assim que passo e mudo
Um novo mundo nasce
Na palavra que penso.*



É só começar

Quando eu era criança, recebi o contrário de apoio. Rasgavam meus textos, rasgavam meus desenhos. Eu fui morar aos nove anos com uma tia que era viúva de um poeta e pintor que morreu de cirrose precocemente. Ela pegou uma bronca das artes e dizia que eu ia por um mau caminho. Para ter ideia, só tinha a Bíblia em casa. Mas esse tio, creio que eu tinha dois anos quando ele morreu, acabou sendo uma influência às avessas, porque de tanto ela dizer "você parece o Persi" cada vez que ela me via escrevendo, eu acabei ficando como esse homem. É da natureza humana, quando jovem, se rebelar, contrariar. Então é isso, meu início foi esse, contrariando.

➤ **Aos 12 anos (Alice Ruiz é a terceira sentada, com a mão na água)**



Acho que a primeira coisa foi o haikai, sem eu saber que ele existia. Porque cada vez que eu me desentendia com a tia, eu ia para os fundos da casa onde a gente morava e atrás era um terreno baldio, e eu ficava lá. De alguma forma, estar junto à natureza me fazia um bem danado. E aí eu comecei a registrar cenas que eu via. Muito tempo depois, já adulta, eu descobri que existia o haikai, e que o tema são cenas da natureza.

O que minha tia rasgou não eram os versos, porque ela nem identificava, ela via como uma frase sobre a natureza. Foram os meus contos que ela demoliu. E até hoje eu não escrevo. Eu escrevi acho que uns quatro na vida, mas a prosa é um problema para mim.

Devia ser proibido

Minha adolescência coincidiu com o "mundo rock". E aí eu tentava traduzir as músicas, sem ter conhecimento suficiente do inglês, mas eu inventava coisas dentro da métrica, dentro da melodia, ou seja, não sabia que eu estava exercitando a letrista. Acho que a sequência foi essa. Primeiro o haikai, quer dizer, os princípios do haikai, depois as letras, mas também sem ter consciência disso, porque eu gostava de cantar. Na verdade eu queria ser cantora. Eu sou uma cantora frustrada. Coisas da vida, né? Casar filhos e funções, tive que sustentar minha mãe. Comecei aos 18.

O haikai... ah, foi papo de namorado. Sabe aquele negócio quando você se apaixona e quer contar tudo para a pessoa? Acabei contando para o Paulo que eu fazia, que eu escrevia umas coisas sobre a natureza e tal. Ele viu e falou "Isso aí é haikai!". Mas não era ainda. Daí ele me emprestou vários livros e tal e eu comecei a me educar.

Eu não sabia que eu ía por aí. Demorou muito para ter essa certeza. Bom, eu comecei a escrever uns poemas. Tive amigos, para quem eu mostrava alguma coisa, tipo Jamil Sene, Wilson Bueno. Se bem que o Wilson era mais novo do que eu, e aí a relação era diferente. O Jamil era sete anos mais velho, então ele ficava "Ah, isso é legal, isso não é legal." Dava uns pitacos. Eu nem sei se eu concordo com tudo [risos]. Mas tudo bem.



Às vezes tenho até medo de dizer isso, porque pode dar a impressão de que estou dizendo que a nossa geração foi mais criativa justamente porque sofria com a repressão, então tinha que desenvolver uma linguagem mais cheia de sutilezas. Aí dá a impressão de que estou defendendo a Ditadura. Jamais faria isso, mas acho que foi um fator. E sim, nós éramos muitos. Muitos e com qualidade, era rico isso. Tinham reuniões em casa também. Até porque publicamente a gente não podia falar tudo. Hoje em dia as relações estão assim, eu tenho que ficar "Vamos tomar aquele vinho?". É porque a gente está só se relacionando virtualmente. E isso eu acho que também tem um peso na criação, na produção literária. Porque a relação entre o pessoal é fundamental. A troca hoje pode ser maior e com um número maior de pessoas, mas se aprofunda menos.



Se tudo pode acontecer

Também fiz roteiro em quadrinhos. A Grafipar foi uma coisa maravilhosa que teve em Curitiba porque deu emprego a muitos artistas. Mas a exigência era que qualquer coisa que a gente fizesse tinha que ter sexo. Então, eu acabei desenvolvendo isso.

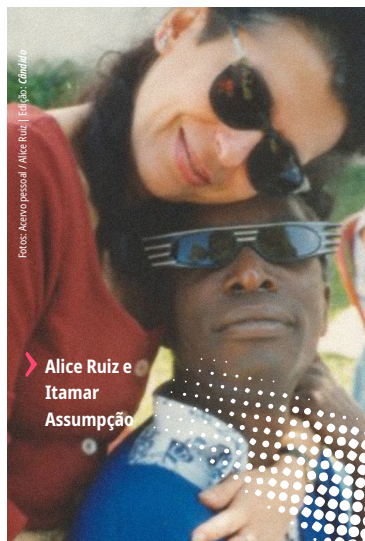
Foi em 1978 ou 79, talvez. Não sei o ano que a Grafipar começou, mas por aí. Em plena Ditadura. É que a sexualidade foi um viés de libertação.

Mas é difícil dizer com qual gênero literário me sinto mais à vontade, porque são coisas tão diferentes. O haikai quando acontece é como se fosse uma bênção, como se fosse um momento mágico. Porque é como se eu estivesse com todos os meus planos equilibrados. Ele me acontece quando eu estou no mundo com plena consciência de que eu e o mundo somos uma coisa só. Ou eu e a cena que eu estou vendo somos uma coisa só. Quando isso acontece, é o haikai de verdade. Lamentavelmente, eu desenvolvi uma habilidade, até por dar as oficinas, de fazer haikai sem chegar nesse momento de equilíbrio total. É um haikai bom, mas é mais com habilidade do que com esse estado de equilíbrio.

▶ Tetê Espíndola, Alice Ruiz e Alzira Espíndola



A letra de música tem um negócio legal porque não é um prazer solitário. É uma coisa quase sempre feita junto. Quando eu comecei, eu dava a letra para os parceiros e as parceiras, e eles musicavam. Isso ainda acontece, tem gente que pega poema e bota música. Ou, quando eu trabalho com alguém que mora longe, que daí eu mando o poema e a pessoa musica. Mas o ideal, que começou a acontecer com o Itamar Assumpção, é a coisa do fazer junto. Às vezes, eu ia só com um conceito, com uma frase. Podíamos chamar de verso, porque poesia e letra de música têm muita coisa em comum. A partir disso, ele desenvolvia uma linha melódica. A partir da linha melódica, eu fazia o resto. Era um fazer junto mesmo. Uma coisa ajudando a outra a acontecer. Depois eu comecei a fazer com a Alzira Espíndola, fiz com Arnaldo Antunes..., dito assim, parece sexo promíscuo [risos]. Com a Zélia Duncan, das que a gente fez, uma acho que uma nunca foi gravada e a outra acho que foi gravada só em show por ela mesma. A música é do Marcelo Jeneci e a letra nós duas fizemos juntas. Desse jeito: uma falava, a outra completava. E é raro. Não é com todo mundo. Mas a Zélia faz muito mais letra do que música.



A poesia dá um pouco mais de trabalho e um pouco de sofrimento também. Quase sempre para eu chegar nela ou para ela chegar em mim, tem um processo que não é só uma questão de linguagem. Tem a coisa da linguagem também. Porque eu acho que poesia, para você ser poeta... "Lá vem receita" [risos]. Eu acho que tem esse negócio chamado inspiração, mas não basta. Se você não lê muita poesia, se você não lê teoria de poesia, você não vai desenvolver muito aquilo. E é aí que entra um pouco o arcabouço para que as coisas dolorosas da vida se expressem de uma forma que dê voz aos outros, a quem lê, mas de uma maneira que tire essa anilindade da dor para eles também. Daí você vai lá e tem que fazer umas visitas no fundo do poço.

Sempre dói. Mas sou eu. Tem um monte de gente que fica felicíssima. Eu fico felicíssima quando o resultado é bom. Mas até chegar no resultado... Aí sempre que chega eu fico com aquela sensação gostosa de que eu driblei quem queria me ferir, ou o que queria me ferir. É como o Freud dizia sobre o humor, que é a vitória do ego sobre o princípio da realidade. Eu acho que a poesia tem isso.



▶ Alice Ruiz com Caio Fernando Abreu, recebendo o Jabuti de Poesia de 1989



Sonho de poeta

Nunca me arrependi de ter publicado nada. Mas do que eu não publiquei... Eu estou com um livro de poemas pronto faz um século, mas eu não achei o nome dele ainda, e eu acredito que o livro está pronto quando eu acho o nome. Deve estar faltando alguma coisa nele. Mas também tem a ver com o fato de eu ter ido para São Paulo, por exemplo. Eu fui para isso, para ficar mais próxima dos parceiros e parceiras musicais. E aí isso fez que eu colocasse mais a energia da coisa na música. O fato de eu ter começado a dar oficina de haikai, em outubro de 1990, deixou tudo muito mecânico. É ruim quando você faz tanto uma coisa que daí você diminui o tesão de fazer. Acabou acontecendo isso com as oficinas. Eu fico exausta de estar repetindo a mesma coisa.

Então, quer falar de frustração? [risos] Eu adoraria fazer prosa, mas acho que eu não tenho a disciplina para isso. A poesia, mesmo que você se prepare e estude, ela acontece porque ela quer. Você não precisa ter um ritual para escrever. Eu tiro a roupa e vou escrever. Fico horas escrevendo pelada. É verdade. Bom, eu não quero assustar a vizinhança [risos]. Agora falando

sério, eu não tenho essa coisa. A poesia não precisa que você estabeleça um horário. A hora que a poesia vem, ela vem. E eu não tenho esse negócio, essa coisa metódica. Eu sou muito movida à inspiração mesmo.

Mas, às vezes, eu fico triste de não conseguir fazer, porque primeiro que a poesia é difícil de traduzir. Então é muito difícil você ser conhecido no exterior. Eu tenho alguns que já traduziram, já fui incluída em várias antologias em vários países. Mas é muito difícil traduzir as sutilezas da linguagem que a poesia tem, e eu prezo muito por isso. Tem pouca gente disposta a traduzir poesia. Já começa por aí. Um que traduzia era o Curt Meyer Clason, que traduziu João Cabral, por exemplo, para o alemão. O cara era bom à beça. Eu o conheci, inclusive. Fiquei até ligeiramente esperançosa, mas não rolou. Então é isso, você não fica conhecido fora da tua língua. Mas não é só por isso, é porque eu acho legal contar histórias. Eu tenho uma imaginação. O que acho que me falta é a disciplina. Escrever crônicas é a solução do produtor preguiçoso [risos]. Agora os cronistas vão lá me atirar pedra. A crônica também tem sua graça, e eu escrevi uns contos.

Já traduzi poesia, principalmente haikai. Ele é mais difícil ainda, porque a escrita é totalmente diferente da nossa. É uma outra lógica. A nossa não tem nada a ver com o objeto ao que se refere. A escrita japonesa é totalmente colada, eles desenhavam o rio com a palavra rio. E assim por diante, portão é um portão, coração é o coração. Bem estilizado, mas é.



➤ Ensaio para a capa de
PaixãoXamaPaixão (1983)



Foto: Dicio Kerner

➤ 1ª edição da revista
Através (Livraria Duas
Cidades, 1978), editada
por Décio Pignatari



Sem receita

Porque tem uma coisa, como que eu lidei com essa insegurança, por exemplo. Eu comecei a mostrar as coisas que eu produzia para pessoas cuja sensibilidade eu respeitava, admirava e me expus. Eu comecei a mostrar para eles bem antes de publicar, como para os concretos que conheci através do Paulo (Leminski). Eu conheci todos e fiquei amiga, principalmente do Décio Pignatari. Quando eu digo principalmente do Décio, é porque era o que eu mais brigava, e ele comigo também. Mas era uma provocação. Eu acho que ele gostava de me ver defender a mulher. E aí ele atacava muito por aí, sabe? A gente tinha discussões nessa área. E ele era muito endeusado pelas pessoas, mesmo da minha geração. Então o pessoal dizia assim, "Nossa, só Alice que

enfrenta o Décio", mas não. É porque eu nunca vi o Décio – quer dizer, eu nunca vi ninguém – como uma pessoa para a gente tratar com distância, idolatria e não sei o quê. Todo mundo caga. [risos] Saiu, né? Saiu e se quiserem deixar, deixem, porque é isso. Mas não é, é porque eu nunca vi o Décio, quer dizer, eu nunca vi ninguém como alguém para a gente... sabe, tratar com distância, idolatria e não sei o quê? Não ficar muito: 'nossa, cheguei na frente de fulano e comecei a tremer'... por que, meu deus? É uma pessoa igual a você, que provavelmente tem insegurança. Então eu nunca tive isso. E as pessoas ficavam meio... Até por ser mulher, né?

Dava uma incomodada, mas o Décio foi muito importante para eu desenvolver essa certeza no meu trabalho. Teve uma vez que eu fui mostrar a nova produção para ele e ele falou "você pode me dar uma cópia desse, desse, desse?" Selecionou vários e pediu para eu dar uma cópia. Eu não tinha. Era tudo muito diferente de agora, né? Que é só mandar por e-mail ou por WhatsApp. E eu fui para a máquina e comecei a datilografar todos, porque ele havia me pedido. E daí ele publicou na revista *Através*, que ele editava. Era uma revista mais de um público universitário, principalmente professores. A maior parte dos que escreviam lá eram professores, e o Décio intercalou os artigos didáticos com meus poemas. Eu tenho essa *Através*, e, nossa, Acho que foi um momento divisor de águas. Porque, quando eu mostrava para outras pessoas, já tinha uma segurança bem maior.

Gente, eu não sei se isso ficou claro quando eu falei que mostrava para as pessoas e tal, porque eu tinha que estar muito segura de mim, porque eu sabia que quando você é muito novo ainda, está meio (...), se você trabalhou bastante, a opinião alheia pode atrapalhar muito. Então, assim, tanto as críticas negativas podem fazer com que a pessoa desista, como as positivas, se a pessoa não estiver muito bem estruturada, pode achar que está pronta, por exemplo. E como você falou, meu feminismo mudou muito. Sim, a minha poesia também mudou muito. Assim, ao longo dos anos, das décadas, a gente vai se transformando e, portanto, transformando o que faz, né?



Fundamental

Tem a outra parte da sua pergunta, que é a literatura de hoje. Eu tenho curtido mais, de uma maneira geral, a prosa atualmente do que a poesia. Mas não é um problema da poesia. Acho que é por minha causa, é uma tendência minha. Não que a poesia não esteja sendo bem feita. Eu tenho curtido muito ler mulheres. Nós temos aqui uma das maiores escritoras contemporâneas, que é a Luci Collin. Daí tem em São Paulo uma amicíssima minha. Duas. A Micheline Verunschke e a Noemi Jaffe. Na Paraíba, a Maria Valéria Rezende. Ah, nós temos outra aqui, a Giovana Madalosso, que é excelente.

Principalmente mulheres. A Mar Becker eu acho muito interessante, também a Ana Elisa Ribeiro e a Ana Martins Marques. Tem mais. A Bruna Beber eu gosto bastante. Tem muita gente boa. Mas, assim, homens... Bom, é que eu não tenho procurado. Eu não saberia dizer, assim, da nova geração. As últimas que a gente citou. Mas a Maria Valéria Rezende é principalmente prosa, mas faz poesia. Luci Collin idem. Noemi Jaffe, idem. E a Micheline Verunschke, idem. O forte delas é a prosa, mas elas escrevem excelente poesia também. Pronto. Agora respondi.



▶ Alice Ruiz com as filhas
Estrela Ruiz Leminski e
Aurea Alice Leminski

Foto: Vilma Siemp

Para elas

Eu acho que primeiro eu me revoltei, daí eu me formei [risos]. Deve ter sido ainda menina quando eu via, por exemplo, os homens saírem para trabalhar e as mulheres trabalharem o dia inteiro em casa. Daí quando eles chegavam iam para o sofá e eram servidos por elas que estavam exaustas. Eu acho que começou aí que eu comecei a olhar e dizer "não estou gostando disso, acho que eu não quero isso para mim". Mas pegou fogo mesmo com a minha filha, a Aurea. O mais velho era o Miguel. Eu ainda não tinha com ele, eu não tive esse despertar. Mas com a Aurea eu percebi que não importava o que eu dissesse para educar, o que importava era meu exemplo. E eu acho que de alguma forma foi ela, esse olhar dela para mim, que quis ser um exemplo de uma mulher independente. O que eu quero para minha filha, eu tenho que ser. Não basta eu ficar aqui cuidando das crianças e daí me reunindo com as mulheres aqui em casa e discutindo as questões da mulher. Eu tenho que tomar uma atitude. Ela tem que olhar para mim e dizer "é assim que tem que ser". É aí que foi a grande guinada. Eu tive que me transformar e falei "não, não posso trabalhar em casa". Eu escrevi artigos para as revistas em casa, mas falei "não posso, eu tenho que sair. Minha filha tem que me ver sair de casa para trabalhar". É. Acho que foi quando eu entrei na publicidade. E foi bom, porque foi uma boa grana. Durante alguns anos deu para sustentar a casa.

Eu escrevia ensaios nas revistas sobre a mulher e aí eu acho que a minha postura ainda era bastante suave em relação aos homens. Eu acusava o sistema de nos educar de uma maneira que gerava não só um desequilíbrio nos direitos, mas um abismo entre as nossas afetividades, tanto homens quanto mulheres. Mas eu nunca ataquei os homens, eu só atacava o sistema. E qual é a sexualidade de quem domina? Quem são os poderosos do planeta?

E eu acho que todos os males, juro por Deus, todos os males da humanidade têm a sua base nesse ódio pela mulher. Os fóbicos das outras sexualidades, a base é essa. Por quê? Porque é a feminização. Você não pode obedecer a tua natureza. Você tem que se comportar. O sistema que escolhe como você tem que se comportar, como macho da espécie, como fêmea da espécie, ninguém quer te ouvir. Então, as outras naturezas... Por que a natureza? É uma pessoa que nasceu com um corpo que não condiz com a sua natureza. Pronto! Se fodeu! Quer dizer, mas por quê? Tudo é sexualidade. Os palavrões estão todos relacionados com sexualidade. Sem exceção. Mas sem exceção mesmo. E é assim. A sexualidade é da mulher. É impressionante. ◀



Prateira

O *Cândido* publica uma "linha do tempo" com algumas obras que marcam a trajetória de Alice Ruiz, em comemoração aos seus 80 anos, tema principal desta edição de março. A seleção reúne livros, coletâneas e um disco.

Alice escreve com singularidade e estabelece um entendimento particular com cada leitor(a). De forma profunda, utiliza poucas palavras e traz influências do haikai, o que torna sua escrita delicada e precisa. Em seus poemas, trata do cotidiano, explora o amor, a feminilidade, a natureza e relação com a cidade.

Desde criança, sentia a energia que o mundo lhe oferecia e começou a escrever pequenas observações sobre o que via. O haikai já estava presente em sua vida sem ao menos saber que existia esse conceito formalizado.

navalhanaliga



1980

Navalhanaliga
ZAP

Marca sua estreia no cenário literário brasileiro, com poemas curtos e sutil melancolia, aspecto presente na poesia marginal. Recebeu o Prêmio Melhor Obra Publicada, do I Concurso Paraná de Literatura.

1984

Pelos pêlos
Brasiliense

A obra conta com alguns dos seus primeiros poemas, lançados apenas em 1984 pela editora Brasiliense.



1985

Hai tropikai
Tipografia do Fundo do Ouro Preto

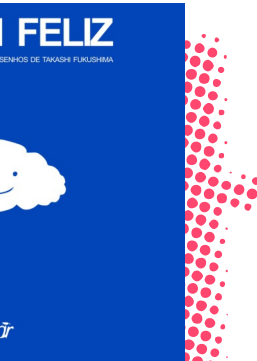
Levada pelas belezas e mistérios da natureza, Alice Ruiz apresenta poemas que observam os elementos naturais e sentimentos particulares à interpretação de cada leitor.



1986

Nuvem Feliz
Criar

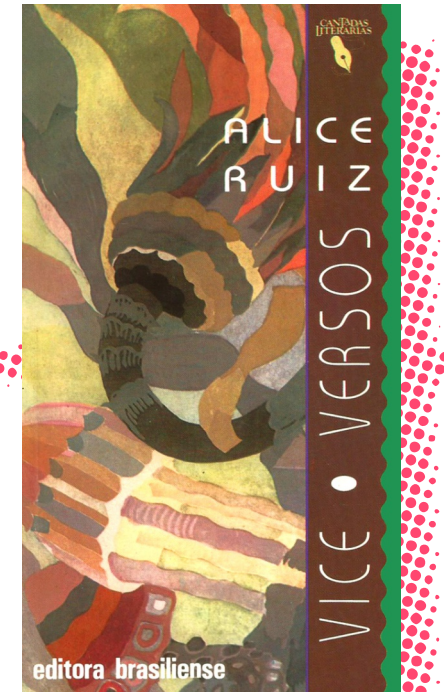
Obra do gênero infantil-juvenil em que a autora colabora com desenhos de Takashi Fukushima.



1988

Vice Versos
Brasiliense

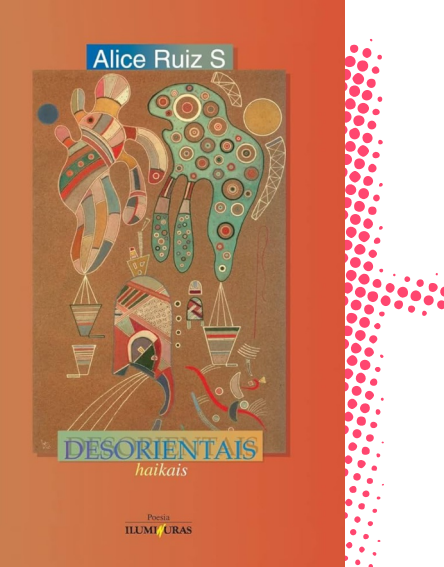
O livro de poemas é parte da série Cantadas Literárias e foi o primeiro de sua autoria a vencer o Prêmio Jabuti, em 1989.



1996

Desorientais
Illuminuras

Ao analisar coisas comuns no dia a dia, a escritora mostra que existe beleza e curiosidade em tudo que está ao nosso redor, em um livro de poemas curtos.



1999

Poesia para tocar no rádio
Blocos

A obra é uma reunião de letras de música de Alice, vencedora do Concurso Blocos de Poesia, responde à provocação: "letra é poesia?".



2004

Yuuka
AMEOPoema

O título "Yuuka" foi dado pelos nisseis como uma forma de reconhecimento à hajjin, pessoa que escreve haicais. Alice foi homenageada pela divulgação, dedicação e grandiosidade que deu à poesia de origem japonesa.



2005

Paralelas
Duncan Discos

No disco, Alice Ruiz e a cantora Alzira Espíndola celebram sua amizade e intensa parceria musical, com 12 faixas compostas ao longo de mais de 15 anos. Além da participação de Zélia Duncan, o álbum também conta com 11 poemas curtos.



2008

Salada de frutas
Dulcinéia Catadora

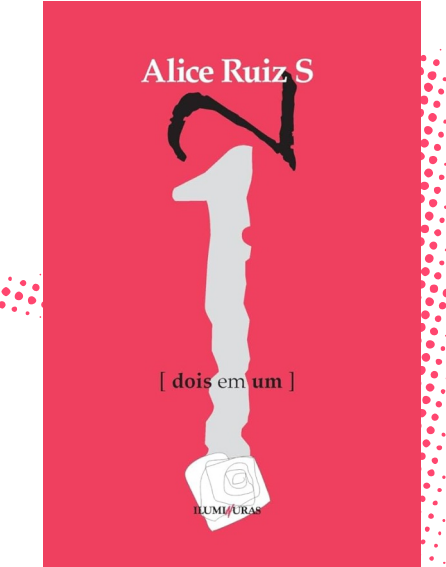
A obra reúne uma seleção de haicais da autora, incluindo inéditos, ilustrada pelo grupo de participantes do coletivo Dulcinéia.



2008

Dois em um
Illuminuras

Vencedor do primeiro lugar do Prêmio Jabuti (Poesia), *Dois em um* é uma coletânea que reúne poemas dos livros publicados nos anos 1980. *Navalhanaliga* (1980), *Pelos Pêlos* (1984) e *Vice Versos* (1988). Com influências do Tropicalismo e da Poesia Marginal.



2008

Conversa de Passarinhos
Illuminuras

Diálogo entre Alice Ruiz e Maria Valéria Rezende, a obra reúne uma seleção de haicais para crianças, descrevendo as coisas como elas são e despertando a sensação particular de cada leitor(a).



2010

Jardim de Hajjin
Illuminuras

No jardim de Alice, as palavras precisam se desconectar dos significados impostos ao longo da história e fazer com que o olhar se torne inédito, assim como o de uma criança que não se força a entender tudo que vê, apenas percebe.



2011

Dois haikais
Jujuba

Ilustrado por Aline Abreu e escrito por Alice Ruiz, *Dois Haikais* é um livro interativo para crianças que possibilita cada leitor(a) elaborar sua própria narrativa.



2011

Estação dos bichos
Illuminuras

Os animais estão por todas as partes; eles vão e vêm, assim como na construção do diálogo de Alice e Camila Jabur, que, em pingue-pongue compartilham haicais sobre os animais, com a ilustração de Fê.



Do sebo ambulante a shows em livrarias

- os caminhos
do livro
- em Curitiba

Nayara Almeida

A circulação de livros segue ativa; é preciso fazer barulho

Leitores(as) estão por toda parte, e, por conseguinte, assim estão os negócios literários, desde vendedores ambulantes a sebos que mantêm os livros circulando e vivos. A bicicleta-sebo Livros Nômades circula por Curitiba com livros nos espaços fixos, como a Joaquim, uma livraria com novos e usados que se destaca com iniciativas fora do comum.

A tradutora Emanuela Siqueira, 39, passa seu tempo fuçando nos livros usados. "Lembro que uma das primeiras livrarias que conheci foi a Só Ler, que vendia revistas e livros". Na cidade que nasceu, no interior de Santa Catarina, não encontrava livrarias, e considera uma "magia" a possibilidade de passar os sábados nos sebos e livrarias da capital paranaense.

Sua relação com a cidade foi inicialmente focada nas livrarias de usados. Como também trabalhou no ramo, prefere o termo "livraria de novos e usados", ao invés de sebo. Por mais popular que o extremo seja, não abrange a magnitude dos livros.

O cenário nacional de comércios literários, mapeado pelo 5.º Anuário Nacional de Livrarias, realizado pela Associação Nacional de Livrarias (ANL), em 2023, observa uma queda de 1,8% de livrarias em relação ao último anuário, de 2013, totalizando 2.972 comércios. Além da redução desses espaços, percebe-se cada vez menos leitores. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2024, aponta uma perda de quase 7 milhões de leitores no país nos últimos quatro anos.

Apenas no Paraná são 161 livrarias, e, destas, 55 ficam em Curitiba. Os dados são catalogados a partir das livrarias que são associadas à ANL, no entanto, esses números não englobam as vendas que estão fora

do espaço físico e que não estão catalogadas na organização.

A presença de sebos em Curitiba é imprescindível para manter circulando os exemplares. Alguns exemplos são: Fígaro Livros Usados, Arcádia, Sebo Líder, Sebo Kapricho, Sebo Só Ler, Túnel do Tempo Livros Usados, entre outros.

Sebo sobre rodas

Além do espaço físico, a bicicleta Livros Nômades circula a cidade com o sebo sobre rodas. Há mais de três anos, Richel D'Aguiar (38), e a esposa, Daniele Nazário (35), pedalam com cerca de cem livros distribuídos em duas caixas na bicicleta. Ele chegou a trabalhar em um sebo tradicional e, com a experiência, abriu seu próprio negócio. Os primeiros meses foram apenas ele e uma mochila com as obras, mas a abordagem não era receptiva, então desenvolveu o seu modelo atual.

O casal se mudou da cidade natal, Joinville, Santa Catarina, para Curitiba, no Paraná. Richel e Dani rodam por parques, praças e feiras na região central da cidade. O que começou como paixão pelos livros e compartilhar esse gosto se tornou o sustento da família. "Gostamos de lidar com os livros, as pessoas que conhecemos através do nosso projeto, fizemos muitos amigos leitores, aprendemos muito com essa troca", conta Daniele.

Além da bicicleta, eles administram o perfil *@livros_nomades*, acumulando mais de 4 mil seguidores na plataforma, além de terem um perfil no *marketplace* da Estante Virtual. "Nós priorizamos a venda olho no olho, mas como temos muitos livros específicos, a estante virtual acaba fazendo essa ponte entre nós e clientes do Brasil todo".

A legislação dos vendedores ambulantes não garante a circulação para a categoria de livros, porém, o casal persiste, motivado pelo seu sonho em tornar acessível a literatura, ainda com os desafios. Eles estão desamparados pela lei como vendedores; há cerca de dois anos, tiveram os livros apreendidos, retirados apenas mediante o pagamento de uma multa.

De acordo com eles, "somos o menor e mais desorganizado sebo da cidade", e continuam permitindo que o livro circule sobre duas rodas.

➤ Com um sebo ambulante sobre duas rodas, os Livros Nômades conectam leitores, cidades e afetos pela venda olho no olho



Iniciativa punk

Em paralelo, na rua Alfredo Bufren, na loja dos fundos do número 51, a Livraria Joaquim mantém a venda de livros novos e usados, discos e CDs. Com dezoito anos de história, permanece resistindo às oscilações do mercado editorial, principalmente o preço do livro. O nome é uma homenagem a duas figuras importantes da literatura brasileira: o escritor curitibano Dalton Trevisan, que editou a revista *Joaquim* nos anos 1950, e também o primeiro nome de Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis).

A presença do romancista é tão marcante na loja que, logo na entrada, o visitante percebe o cartaz do conto *A Igreja do Diabo* (1884), que decora o ambiente e, por vezes, assusta os visitantes mais conservadores.

O historiador de formação Marcos Roberto Ramos Duarte (57), estabeleceu uma afinidade com os livros na faculdade. Após uma década de trabalho nos sebos em São Paulo, decidiu criar seu próprio negócio em Curitiba: um espaço focado no público universitário das áreas de Humanas, Artes e Música. Ele afirma que precisa manter a venda tanto de livros quanto de discos para sustentar a estrutura, como possui somente a loja física, as taxas de envio pelos Correios não compensam.

O público universitário é o mais comum na livraria, porém, o proprietário tenta outras alternativas para a sua permanência, como os shows de bandas locais de pop e punk rock, em uma espécie de *tiny desk*. A iniciativa aconteceu pela primeira vez em 2007, com um show da banda Maremotos. A iniciativa é uma forma de promover a loja e incentivar a cena cultural local.

Para a tradutora e pesquisadora Emanuela Siqueira, aquele espaço foi mais do que um emprego, fez parte de sua formação profissional. Ela chegou a trabalhar no local por mais de dez anos, mas seu vínculo com a loja já beira os quinze. Ali, não era apenas uma vendedora, também exercia a paixão pela música ao cuidar da curadoria dos discos e na seleção de livros. Havia uma liberdade que as grandes redes não permitiam. "A gente sempre teve muita liberdade de fazer a coisa mo-

vimentar dentro da loja", recorda Emanuela. Essa autonomia permitia a realização de shows e eventos que misturavam as artes, transformando a livraria em um polo cultural vivo.

A filosofia de trabalho é o que Emanuela define como uma "iniciativa punk". Um dos maiores aprendizados, segundo ela, foi a importância da coletividade, de dialogar e construir junto com outros livreiros e agentes da cena cultural. A Joaquim a ensinou a valorizar o acervo próprio e a curadoria cuidadosa de um catálogo que refletisse uma identidade além da lista de mais vendidos.

O cotidiano era imprevisível e ao mesmo tempo fascinante. Pelas portas da livraria, entravam as mais diversas "figuras e personagens do centro", desde clientes vendendo produtos, pessoas em situação de rua, Testemunhas de Jeová, ou até quem chamasse a loja de "marxista", por conta dos adesivos. Em meio a tudo isso, ocorre a troca genuína com os leitores. "Indicar livros para as pessoas, falar: 'Olha, essa tradução na época foi famosa'", diz Emanuela.



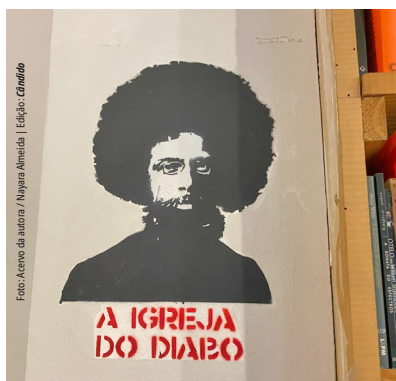
Foto: Acervo da autora / Nayara Almeida | Edição: Cândido

➤ Sede da livraria Joaquim (2025)

Ao olhar para trás, Siqueira não tem dúvidas do impacto daquela livraria em sua trajetória. "Com certeza, só sou a tradutora que sou hoje, fiz mestrado, doutorado, por causa dessa iniciativa punk, que é a Joaquim".

A loja se mantém apenas com a venda de livros, discos e CDs, com uma média de setenta a cem livros vendidos por semana, considerada baixa pelo proprietário. "Eu deixo o público à vontade e se a pessoa dá abertura para conversar, a gente conversa. Agora eu não chego, 'ah, olha isso aqui está em promoção'", conta Marcos.

O Sul do Brasil representa 53% dos leitores do país e, desse total, o Paraná concentra 54% dos leitores dessa região, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2024. Nesse contexto, a sobrevivência de espaços como a Joaquim e a Livros Nômades ultrapassa o ponto de venda. A livraria resiste não apenas como uma loja, mas como um ponto de encontro, provando que, às vezes, para manter o livro circulando, é preciso fazer barulho. <





Nayara Almeida, de Campo Largo (PR), é jornalista formada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Participou de projetos de Iniciação Científica dedicados à imprensa paranaense durante a ditadura militar e ao apagamento histórico das mulheres no jornalismo, com especial atenção ao jornal *Última Hora* e à trajetória de Celina Luz, única jornalista mulher da redação. Atualmente, faz parte da equipe comunicação do Museu Oscar Niemeyer. O seu primeiro livro é originário de seu Trabalho de Conclusão de Curso, "O livro das livrarias: os espaços por onde passa a Curitiba que lê", que reconstrói por meio de relatos e pesquisa, os espaços literários que moldaram o imaginário da capital e de seus leitores.

Para sempre



Foto: Maria Angéla Biscala

Wilson Bueno

O último texto de Wilson Bueno

Era 00:42 do dia 23 de maio de 2010 quando Wilson Bueno me enviou o seu último texto (ou o que foi publicado por último), que sairia na *Revista Ideias*, na qual era chefe de redação, com uma mensagem:

"Marianna linda, para ler agora, na noite profunda!"

*Bjão,
Bueno"*

Como naquela noite profunda eu dormia, li logo pela manhã e respondi que havia adorado. Ele prontamente respondeu: "é forte, não Marianna?", com mais algumas sugestões de edição feitas gentilmente, e sempre perspicazes.

No dia 31 de maio, uma semana após o envio deste texto, Bueno foi assassinado a facadas dentro de sua casa, o que tornou ainda mais forte o que havia escrito. Quase um prenúncio, quase um aviso.

"Para sempre" saiu na edição de junho número 104 da *Revista Ideias*, e como atualmente não existem mais os arquivos da revista, achamos válido republicá-lo no **Cândido** deste mês, no qual o escritor completaria 77 anos, no dia 13.

Em uma conversa com José Castello, no Paiol Literário em 2006, Bueno dispara: "Mas eu não viveria, absolutamente, sem escrever. Não me concebo sem escrever. Não concebo o mundo sem a expressão literária. Sem ela, eu não o entenderia. [...] A literatura para mim é isso: uma pulsão vital, absoluta, sem a qual o mundo seria muito mais pobre."

Para ler agora, na noite profunda, ou nas manhãs constantes.

Marianna Camargo
Editora do Jornal **Cândido**

Para sempre

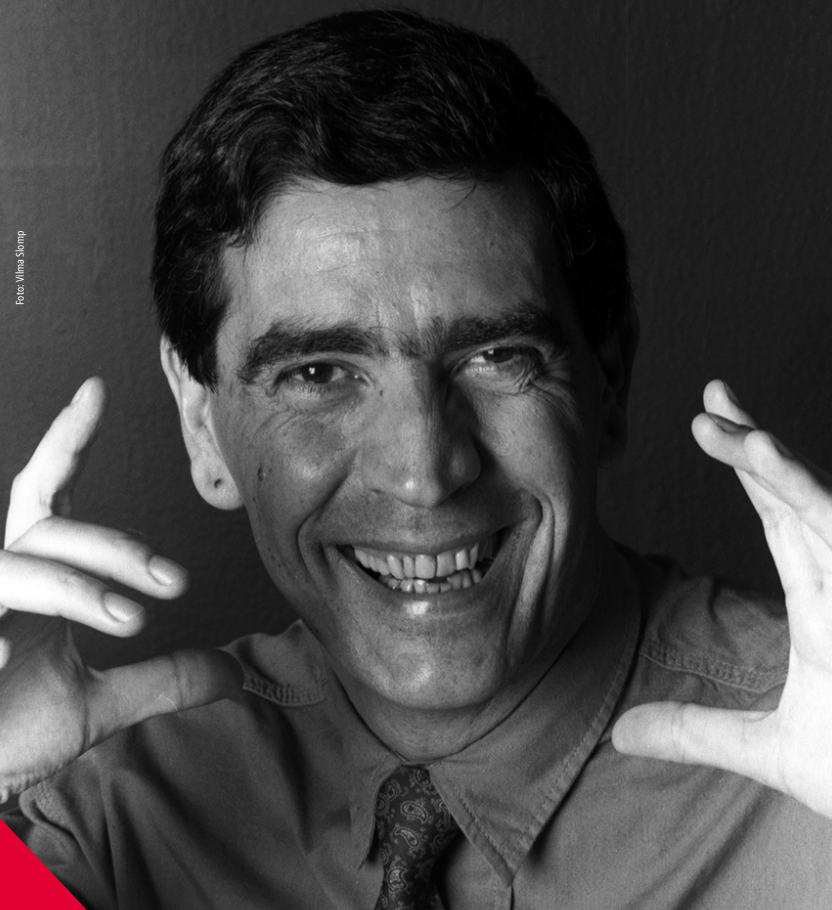
E porque a solidão fosse só um começo, eu te encarei de frente sabendo, de antemão, da nossa certa e futura tragédia pessoal. Não, nem eu nem você jamais seríamos sozinhos.

Eu acordava então para a glória de existir e você me comovia os olhos molhados. Seus cílios, a íris esmeralda. Talvez nem fossem tão preciosos – eu é que me inventava em você de folhas e agapanto.

Era uma hora incerta e quente – disso eu me lembro – e fomos, os dois, um homem, uma mulher e a noite pânica. Pela primeira vez, em muitos anos, eu me disse que a felicidade podia ser mais que uma esperança – essa ilusão sempre renovada para não morrer-mos de nós mesmos – precocemente.

Você também me disse, com um gesto de lábio e olhos, que só agora você era a primeira imortal em toda a história humana. E que aquele era o seu único motivo de viver.

Agora que estou morto e vigora em mim o seu cadáver simples, agora posso dizer – também pela primeira vez sem mentir – que não sonho. Você vive em mim e eu em você, eternamente. <



Wilson Bueno (1949 – 2010) foi escritor, cronista e poeta, paranaense de Jaguapitã. Considerado um dos mais importantes escritores brasileiros, possui mais de 20 títulos publicados, além de ter atuado como editor do suplemento literário *Nicolau* (1987 – 1998) e colaborador em vários jornais conceituados do país. *Mar Paraguayo* (1992) – seu livro mais celebrado, lançado há mais de 30 anos – teve uma reedição crítica e comemorativa em 2025, obra considerada inovadora em termos de linguagem e temática.

Sea Song

Katherine Mansfield

Tradução de Paula Nishizima

Música do Mar

Eu não vou mais pensar no mar!
Nas ondas vultosas
Na orla que dobrou,
Nas grutas rochosas
Não vou, não vou
No balanço e nas algas,
Na espuma pulsante.

A lembrança vive em meu lar distante,
Não há nada a nos conectar.

Ela é senil,
Sua mala
A curvá-la.
O choro sumiu
Sua voz só estala.
Quase não se aguenta
De galho na mão
E a louca canção,
Se breve ou lenta,
Vibra a garganta.

E todo dia
Enquanto há luz na praia
Procura alguma coisa,
A garra seca
Revira as algas;
Ela cutuca as conchas
Tateia e resmunga
E a noite vem
Profunda e escura,
Tornando-a refém
E demanda silêncio
E demanda torpor.

Os pés-fantasma
Das ondas rumorosas
Caminham ao lado
Vão em direção
Às grutas rochosas
Que na areia estão...
Ela aperta as mãos
Grita, lastima
E o eco guincha
Declive acima.
Geme: "Se perdeu!
Deixe estar! Deixe estar!
Sou senil. Tenho frio.
Tenho medo... o mar
É alto demais... se perdeu,
Já morreu..." A lembrança
Uiva em meu lar distante.



Sea Song¹

I WILL think no more of the sea!
Of the big green waves
And the hollowed shore,
Of the brown rock caves
No more, no more
Of the swell and the weed
And the bubbling foam.

Memory dwells in my far away home,
She has nothing to do with me.

She is old and bent
With a pack
On her back.
Her tears all spent,
Her voice, just a crack.
With an old thorn stick
She hobbles along,
And a crazy song
Now slow, now quick
Wheeks in her throat.

And every day
While there's light on the shore
She searches for something,
Her withered claw
Tumbles the seaweed;
She pokes in each shell
Groping and mumbling
Until the night
Deepens and darkens,
And covers her quite,
And bids her be silent,
And bids her be still.

¹Publicado no volume *Poems*, disponível no **Gutenberg Project**.

The ghostly feet
Of the whispery waves
Tiptoe beside her.
They follow, follow
To the rocky caves
In the white beach hollow ...
She hugs her hands,
She sobs, she shrills,
And the echoes shriek
In the rocky hills.
She moans: "It is lost!
Let it be! Let it be!
I am old. I'm too cold.
I am frightened ... the sea
Is too loud ... it is lost,
It is gone..." Memory
Wails in my far away home. <



Foto: Topical Press Agency/Getty Images



Foto: Arquivo pessoal / Paula Nishizima

Katherine Mansfield (1888-1923) nasceu em Wellington, na Nova Zelândia. Escritora de prosa e poesia. Começou na adolescência, publicando textos no jornal da *Wellington Girls' High School*. Aos 19 anos, mudou-se para Londres (Inglaterra), com o objetivo de estabelecer sua carreira literária. Além de poemas, também publicou contos que tiveram reconhecimento internacional. Suas obras já foram traduzidas para mais de 25 idiomas.

Paula Nishizima é jornalista, tradutora (inglês-português) e mestra em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Autora do livro *Traduzo Poemas Alheios* (2025), já traduziu obras de ficção e de não ficção para a *DarkSide Books* e trabalhou na preparação e revisão de títulos para a Edições Tempora. Também integra a equipe de poetas do portal *Fazia Poesia*.

national geographic e outros poemas

Thaís Campolina

I.

duas cabras impassíveis
assistem a uma fogueira queimar
o fogo defuma as roupas postas
para secar em um varal improvisado
uma linha se amarra a um duto de água
a outra não se vê onde termina
a água passa por ali
mas nunca chega
só

p
i
n
g
a

no entorno
um grupo de pessoas
esquenta os pés e as mãos
perto do fogo

estão juntos
do jeito deles
de se estar
junto

uma mulher sorri
com os braços abertos
recebe o filho
que veio em sua direção
com um graveto em chamas

que bom que agora ele já sabe mexer com fogo

II.

sebastião salgado fez fotos tristíssimas
como eu tento fazer agora enquanto ando
na periferia de Nova Delhi e encaro
pessoas que se abrigam entre
dutos de água potável
sem jamais ter acesso
a uma torneira

talvez
sebastião salgado não esperasse
o sorriso de uma mulher ali
mas eu que cheguei nesse canto
guiado pela voz humana
sabia que encontraria
gente

e gente sorri
sabe-se lá como

casa dos espelhos

me chamam de besta
toda vez que abro a boca
não me importo mais
porque carrego em mim
uma variedade imensa
de bestialidades

ontem
lançando fogo
pelas narinas
fui quimera
besta mitológica

hoje
recebendo carinho
após terminar meu jantar
vim na forma de uma gata
de aparência inconfundível
metade laranja metade preta
uma gata feita da união de dois fetos
unidos no útero prenhe de uma mãe
uma gatinha linda dessas
tão faminta monstruosa
e ronronante

amanhã
serei mais besta ainda
portando um arco e flecha
podendo ser gatilho
de uma guerra
contra qualquer forma
imposta de unidade

reforma agrária

para Marosa Di Giorgio

meu lugar preferido no mundo inteiro

é dentro de um pote de plástico

lotado até o talo com doce de leite caseiro

que começou a ser feito dentro de uma vaca que
ao sentar-se à mesa para pedir melhores condições

conseguiu se fazer ouvida

enxame

substantivo masculino

1. conjunto de fêmeas que voam juntas
2. multidão guiada por feromônios
3. uma quantidade absurda de
[insetos]
4. bicharada reunida
5. condôminos de uma colméia ou cortiço de
[abelhas]
6. grupo de abelhas que querem deixar de ser
[inquilinas]
7. a aproximação de um choque
[anafilático]
8. o terror de um tripofóbico
9. o terror puro e simples
10. o horror do muito
11. o muito
12. o duplo
13. o único
14. o uno <



Thaís Campolina (Divinópolis/MG) é autora dos livros de poesia *eu investigo qualquer coisa sem registro* (Crivo Editorial, 2021) e *estado febril* (Macabéa, 2024). Também publicou as plaquetes poéticas *noticiosas* (2023), *línguas soltas* (Primata, 2024) e *frigideira* (Tato Literário, 2024); e o conto *Maria Eduarda não precisa de uma tábua ouija* (2020), em formato *ebook* na Amazon. É pós-graduada em Escrita e Criação pela Unifor, atua como redatora, resenhista e facilitadora de oficinas. Também é mediadora de leitura nos clubes Cidade Solitária, Leia Mulheres Divinópolis e Casa das Poetas, além de curadora da página *Bafo de Poesia*. Esta seleção publicada no **Cândido** são de inéditos da autora.

Por quantos
segundos
o leitor do futuro
vai conseguir
ler
esta coluna?

Carlitos Marinho

Para começar, esta edição 168 do **Cândido** que você está lendo está no digital, meu caro leitor ciborgue. O papel está vivíssimo a sete palmos na lama do mangue. Eu sei que você não consegue fazer nada se não fizer tudo ao mesmo tempo. A sua pane e ansiedade nasceram aqui, ainda no início do século 21. Então, acenda, ligue, dê logo o play no som de Chico Science e comece a dançar como um caranguejo enquanto lê este texto. (Talvez, daqui a 50 anos o **link** esteja quebrado, então sente a bunda na cadeira e dance os dedos no buscador de streaming mais próximo de você: *Da Lama ao Caos* – Chico Science)

Modernizar o passado é uma evolução musical, disse Chico Science, na sua música "Monólogo ao pé do ouvido", que abre o álbum *Da Lama ao Caos*, de 1994. O artista pernambucano completaria 60 anos de vida no dia 13 de março de 2026. Ele morreu aos 30 anos em um acidente de carro em fevereiro de 1997. **Em azul**, letras de seu repertório musical.



A responsabilidade de tocar o seu pandeiro. É a responsabilidade de você manter-se inteiro. Por isso chegou a hora dessa roda começar. Samba Makossa da pesada. Vamos todos celebrar. (Samba Makossa)

Junto com *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MC's, de 1997, o disco de Chico Science está, indiscutivelmente, na prateleira dos mais importantes álbuns da década de 1990. A relevância está na produção musical mais livre e cru que elevou os trabalhos a farol para todas as próximas gerações. Tanto o *Da Lama ao Caos* quanto o disco seguinte do grupo, *Afrociberdelia*, – de 1996 e que completa 30 anos em 2026 – marcam a transição na história da música brasileira, que passou a criar novos gêneros musicais a partir da mistura de ritmos regionais.

Mais que um gênero musical, Chico Science foi responsável pela criação do Mangubeat, movimento cultural e musical que surgiu no Recife, no início dos anos 1990. Ele misturou maracatu, coco, ciranda e af-xé com rock, hip hop, funk, reggae, eletrônica, fumaça, poeira, lama e caranguejos.

E a lama come mocambo e no mocambo tem molambo. E o molambo já voou, caiu lá no calçamento. Bem no sol do meio-dia, o carro passou por cima. E o molambo ficou lá. Molambo eu, molambo tu. (Rios, Pontes & Overdrives)

Citado como protagonista do novo movimento cultural do Hip Hop brasileiro, Mano Brown, líder do grupo de rap Racionais MC's, comprova essa característica. O ídolo máximo de todas as periferias brasileiras diz que escutou muita música nordestina em casa enquanto crescia no bairro Capão Redondo, na zona sul da capital São Paulo. Ele cita artistas como Siri do Forró e a dupla Léo Canhoto e Robertinho, ritmos que não aparecem nos beats de DJ KL Jay – que têm muito de Public Enemy, Cassiano e até o trip-hop da banda inglesa Portishead – mas que contribuíram para a formação cultural de Mano Brown.

*É o povo na arte. É arte no povo. E não o povo na arte,
de quem faz arte com o povo. (Etnia)*

Na mesma pegada, mas com sonoridade mais inovadora, Chico Science, líder da banda Nação Zumbi, trouxe a estética de uma antena parabólica enfiada na lama do manguezal. O mangue é a metáfora visual de uma cidade fértil e caótica. A invenção musical nasce do barro e do ruído urbano. Sem pedir licença, o movimento conectou a capital de Pernambuco, Recife, ao mundo.

O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas. Que cresceram com a força de pedreiros suicidas. A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce. (A Cidade)

DESANTENADOS – A primeira música do álbum *Da Lama ao Caos*, de Chico Science e a banda Nação Zumbi, tem pouco mais de 5 minutos. Hoje, muito mais do que naquela época, seria tempo demais para os ouvidos que perderam o bombril da antena. Sempre quando escrevo no **Cândido**, penso no leitor do futuro, que poderá recorrer às edições atuais para entender o passado. Da mesma forma, recorreremos às edições dos jornais *Joaquim* e *Nicolau* para entender uma Curitiba provinciana e que passava a se colocar dentro do debate literário nacional.

► Capas das primeiras edições dos jornais *Nicolau* e *Joaquim*



► Publicidade na primeira
edição do jornal *Joaquim*,
de 1946.

Disponível na
Hemeroteca Digital

Matte Leão
USE E ABUSE
O MATE DE
QUALIDADE INSUPERAVEL
*Preferido em todos
os Continentes.*
**CHIMARRÃO
CYSNE**
Produtos de **LEÃO JUNIOR & CIA. S/A.**
AVENIDA IVAI, 253 — CAIXA POSTAL, 116 e 147
Telegrama: "LEÃO"
CURITIBA — PARANA

**CONFEITARIA
«TINGUÍ»**
A ELITE PARANISTA E' CONVIDADA A FAZER UMA
VISITA A CONFEITARIA
«TINGUÍ»
PONTO DE REUNIÃO DAS FAMILIAS ELEGANTES
ORDEM — HIGIENE — DISTINÇÃO
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO EM CAFÉ, CHOCOLATE, "TODDY",
MÉDIAS, DOCES, PASTELIS, CROQUETES E BEBIDAS FINAS
O TRIO MUSICAL TODAS AS NOITES
• • •
— RUA QUINZE N.º 236 —
Aceita encomendas pelo fone 1400.

*Não há mistérios em descobrir. O que você tem e o
que você gosta. Não há mistérios em descobrir. O que
você é e o que você faz. (Etnia)*

Para entender este leitor, é possível encontrar algumas pistas no presente. Na verdade, não são apenas pistas, está tudo escancarado.

Veja bem, quando você nasceu, leitor do presente, não havia redes sociais. Tentar lembrar do seu rosto de criança, é algo um pouco confuso. Um álbum de fotografias de família ajuda bastante. Está lá você, na sua festinha de aniversário, com outras crianças que você não sabe quem são e nem para onde foram, um refrigerante do tipo cola da marca Cherry Coke que não existe mais, bolo de festa com papel de arroz do Palmeiras, um cabelo castanho ondulado de sua avó que é muito diferente do grisalho atual, teu pai de camisa quadriculada que você nunca mais viu ele usando, e

até mesmo um homem bêbado ao fundo que, pelo rosto avermelhado, provavelmente foi quem estragou o teu patinete no mesmo dia que ganhou de presente.

Lembro quase tudo que sei, e organizando as ideias, lembro que esqueci de tudo, mas eu escuto o samba. (Samba do lado)



Fotos: Arquivo pessoal / Carlitos Marinho



Os rolos de filme de câmera analógica, que tornaram-se artigos de museu assim como os jornais impressos, deram lugar às câmeras digitais, especialmente às embutidas em smartphones. O que antes era um momento singelo de atenção ao que acontecia, hoje se desloca para o enquadramento da foto ou do vídeo que tenta registrar a cena que será compartilhada imediatamente no story do Instagram, ou posteriormente em formato de carrossel com o “dump” do mês.

Imediatamente, me vem à cabeça o pequeno Ravi Di Felice. O nome, que é uma mistura de Índia com Itália, é do filho da Viih Tube com o Eliezer ex-BBB, que igualmente detêm sobrenomes excelentes. Ravi, quando ainda estava na barriga da Viih, já tinha uma conta no Instagram com a foto de perfil do ultrassom obstétrico, com mais de 80 mil seguidores.

A pressa em divulgar todas as atividades da criança não é exclusividade do casal estrelado. Hoje, cada passo dos Theos e Auroras são exaustivamente regis-

trados e compartilhados, criando uma espécie de bebê-reborn humano, um alter ego dos pais. Com tanta exposição e acesso a qualquer tipo de conteúdo, novas gerações não serão mais donas de sua própria personalidade.

Este corpo de lama que tu vê, é apenas a imagem que sou. Este corpo de lama que tu vê, é apenas a imagem que é tu. (Corpo de Lama)

ESGOTO DIGITAL – Não é apenas a exposição de crianças feita pelos pais nas redes sociais que é prejudicial, a negligência e a falta de supervisão sob o que elas veem na internet pode ter consequências ainda mais devastadoras para a sociedade. Deixar crianças e adolescentes trancafiados em seus quartos e expostos a conteúdos misóginos, pornográficos e violentos sem supervisão adequada, pode aumentar a busca por pertencimento em comunidades tóxicas, naturalizar humilhação e dominação sobre mulheres, enfraquecer a noção de limite e consentimento e estimular comportamentos impulsivos, sobretudo em uma fase em que o cérebro ainda está em desenvolvimento.

Um estupro coletivo cometido por homens de 17 a 19 anos contra uma jovem de 17 anos na cidade do Rio de Janeiro tomou o noticiário nacional. O crime que está sendo investigado é acompanhado por uma onda de feminicídio que tomou o país. Uma reportagem da jornalista Bruna Fantti, na *Folha de S.Paulo*, mostra que só na cidade do Rio de Janeiro, de 2021 a 2025, houve um aumento de 93% no número de adolescentes que são apontados como autores nas ocorrências que apuram crimes sexuais.

Vitor Hugo Simonin, de 19 anos, apontado como participante do estupro coletivo, se apresentou na delegacia vestindo uma blusa com a frase "*regret nothing*", expressão em inglês que significa "não se arrependa de nada". O lema é associado a Andrew Tate, influenciador americano-britânico conhecido por discursos misóginos e que responde a acusações de estupro, tráfico humano e exploração sexual de menores. Tate também é mencionado na série *Adolescência*, da Netflix, que discute o impacto da machosfera – redes e co-

munidades virtuais marcadas pela misoginia – sobre os jovens, além da omissão dos pais diante da vida digital dos filhos.

No dia 17 de março, será assinado o decreto presidencial do Estatuto Digital da Criança e do Adolescente, o ECA Digital, que deve representar um avanço histórico na proteção de dados de crianças e adolescentes no Brasil. A nova lei traz mecanismos concretos para garantir um ambiente digital mais seguro e saudável para esse público, um dos grupos mais vulneráveis aos riscos de ambientes digitais.

“Me organizando, posso desorganizar” é somente com este lema de Chico Science que será possível projetar o leitor do futuro. Para o momento atual, é necessário que perfis de crianças e adolescentes nas redes sociais tenham configurações mais protetivas, com restrição de contatos com desconhecidos, verificação mais apurada da idade e limites aos feeds viciantes.

Mas isso não basta. Também será preciso fortalecer a mediação de pais e responsáveis, ampliar a educação digital e sexual nas escolas e cobrar das plataformas alguma responsabilidade sobre o ambiente que ajudam a moldar. Assim, é possível construir um caminho que concilie a proteção de dados, o respeito à privacidade e a defesa de crianças e adolescentes, sem abrir mão da formação de cidadãos e leitores com alguma capacidade de atenção, senso crítico e presença no mundo.

Deixar que os fatos sejam fatos naturalmente, sem que sejam forjados para acontecer. Deixar que os olhos vejam pequenos detalhes lentamente. Deixar que as coisas que lhe circundam estejam sempre inertes, como móveis inofensivos, pra lhe servir quando for preciso, e nunca lhe causar danos, sejam eles morais, físicos ou psicológicos. (Corpo de Lama)

Leu algo interessante no noticiário nas últimas semanas? Envie-nos um e-mail (jornalcandido@gmail.com) e inclua seu nome e local de residência. Confira abaixo as orelhas marcadas para esta edição.

30 de Janeiro de 2026 — Walter Porto, editor da Ilustrada, caderno de cultura da *Folha de S.Paulo*, fez uma reportagem sobre o motivo de a literatura brasileira ainda não ter deslanchado no exterior, assim como a música ou cinema. Ele conversou com alguns personagens. "Se o cinema brasileiro está desse tamanho lá fora e não tem um táxi que você entre e não toque música brasileira, por que a literatura tem essa dificuldade de se projetar?", questionou Gustavo Faraon, editor da Dublinense. Rita Mattar, sócia da Fósforo, emendou. "O dia que criadores de conteúdo de livros estrangeiros entenderem o engajamento que a literatura brasileira gera, vai ser o nosso petróleo."

30 de Janeiro de 2026 — Ishmael Reed é um escritor e intelectual americano – poeta, ensaísta, compositor, dramaturgo e romancista, com 87 anos e mais de 30 livros. Ele é conhecido por combater o "tokenismo", que é a cooptação de artistas negros para dar aparência de diversidade a um meio cultural ainda segregado. O jornalista Gabriel Trigueiro, na *Folha de S.Paulo*, escreveu sobre o romance *Mumbo Jumbo* (1972), de Ishmael, que foi lançado no Brasil só em 2025. O livro saiu pela editora Zain, com tradução de João Vitor Schmidt. *Mumbo Jumbo* é, se você quiser, um romance "pós-moderno", "afro-diaspórico" e "multicultural". Mas, repare, ele é tudo isso antes de esse léxico ter se tornado moda e um atalho editorial preguiçoso,

algo estéril. É metafísico como o John Coltrane de *A Love Supreme*, e encantado como o Jorge Ben Jor de *A Tábuia de Esmeralda*. Antes dele não havia nada igual e, mais de meio século depois, a paisagem cultural permanece inalterada. Ishmael Reed inaugurou mundos, mas não deixou herdeiros."

21 de fevereiro de 2026 — A jornalista Juliana Gomes, em sua newsletter *Jornal do Veneno*, escreve sobre as tendências de consumo alimentar para 2026 com o fio condutor "era do comer com propósito". Segundo a escritora, a comida e a bebida deixaram de ser só prazer ou saciedade e viraram produto de performance.

"Se tivesse poder para ditar tendências, eu escolheria a volta do pão francês personalizado e artesanal, sem mistura pronta cheia de aditivos, com cada padaria tendo a própria assinatura. Também adoraria que os restaurantes de sushi e seu marasmo de opções à base de salmão de cativeiro fossem substituídos por comida brasileira rica em vegetais. Que os carrinhos de milho, tapioca e pipoca voltassem para as praças e terminais de ônibus. Que os cozinheiros dos estabelecimentos por quilo não cozissem o brócolis na água e soubessem temperar uma cenoura. E que, em vez de cerveja sem álcool, sem glúten e com adição de vitamina, os bares servissem mate com limão caseiro bem geladinho"

24 de fevereiro de 2026 — Carlos Carone, para o portal Metrôpoles, descreveu os encontros casuais entre homens que ocorrem na rua aos fundos de um mercado atacadista na cidade de Taguatinga, no Distrito Federal. "Sob o manto da madrugada densa e silenciosa, existe um trecho de asfalto em Taguatinga Sul que ignora o sono e as convenções. Atrás de um grande mercado atacadista na QS 3, a geografia da cidade se transforma. Ali, a iluminação pública é uma lembrança distante, e o que impeira é o breu, interrompido apenas pelo brilho de faróis que cortam a pista como lâminas de luz, revelando, por breves segundos, o que muitos preferem manter no escuro: sexo intenso, rápido e sem compromisso. A rua, abraçada por áreas verdes que parecem vigiar o local em silêncio, torna-se o palco de um ritual frenético. Não há nomes, apresentações e muito menos promessas de um amanhã. O que se vê é uma fila de veículos, parados no acostamento, quase encostados uns nos outros, lembrando um drive-thru distópico, onde o produto consumido é o sexo e o pagamento é o risco do fazer proibido. Carros elétricos, importados de luxo e os mais populares se misturam sem distinção."

27 de fevereiro de 2026 — Rodrigo Casarin, na sua newsletter Página Cinco, diz que se sente um tanto desconfortável quando alguém pergunta se a tradução de um livro é boa. "Está aí uma saca-

nagem imensa. Ora, sem conhecer o texto em sua língua original, o que faz alguém pensar que é do tradutor a culpa por uma versão truncada em português? Não passa pela cabeça que tal literatura pode ser mesmo uma bomba e que, na verdade, o tradutor foi brilhante em conseguir verter aquela trolha com todas as suas arestas para outro idioma?"

Recado dos leitores

11 de fevereiro de 2026 — Parabéns pela nova edição do **Cândido** (167). Vocês seguem se superando, e é um crime este governo não rodar mais o periódico impresso. A equipe que tem prosseguido com a produção do jornal têm feito um trabalho do mais alto nível.
Ivan Justen Santana, agente cultural

11 de fevereiro de 2026 — O jornal literário da Biblioteca Pública do Paraná é exemplar.
Alberto Villas, editor do suplemento online OSOL

11 de fevereiro de 2056 — A capa desta edição (167) está sensacional!
Luiz Felipe Cunha, jornalista <

Para ter seu comentário publicado, envie um email para jornalcandido@gmail.com

Carlitos Marinho nasceu em Mariluz, no Paraná. Formado em Jornalismo pela Unicentro, em Guarapuava. Atualmente, trabalha na Secretaria de Comunicação do Paraná e é colaborador do jornal *Cândido*.

Nenhuma **Vida** a Menos

Luiza Yasumoto

Balões brancos não foram lançados ao céu. Foram amarrados à grade do campinho do Parolin. Cada balão marca a ausência de um jovem morto pela polícia – entre eles Ivan Ramos Mathias Filho, de 23 anos, morador do bairro. O ato foi organizado pela **Rede Nenhuma Vida a Menos** em outubro de 2025.

Invasões de casas sem mandato, destruição de pertences, ameaças e agressões contra moradores. Nos últimos anos, o Parolin vive um luto contínuo, que precede e sucede mortes – pelo menos quatro em 2025. Jovens negros aparecem com frequência como os principais alvos dessas ações, mas mulheres, crianças e idosos também relatam abordagens violentas, revistas e humilhações cotidianas.

A Rede Nenhuma Vida a Menos reúne moradores, familiares das vítimas, pesquisadores e apoiadores mobilizados contra a violência policial no bairro. Além de organizar manifestações, a rede acompanha denúncias, articula campanhas públicas e pressiona o poder público por respostas diante das mortes e abusos relatados pelos moradores. <





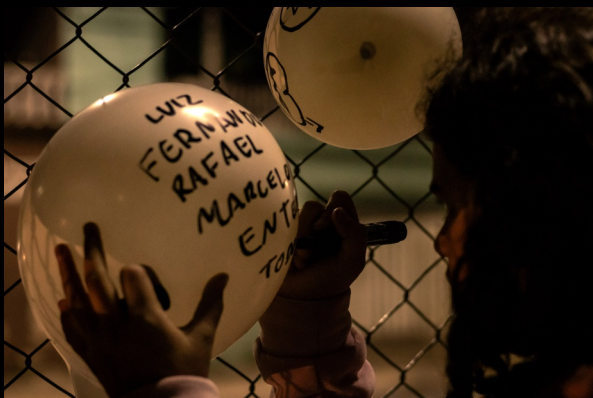


RAP
NACIONAL



















Luiza Yasumoto nasceu em São Paulo (SP) e vive em Curitiba. É graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e aprofundou seus estudos em fotografia documental na Omicron Escola de Fotografia. Desenvolve trabalho voltado ao fotojornalismo, acompanhando atos, marchas e movimentos sociais, com atenção especial às ocupações urbanas em Curitiba.

EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação, pesquisa e produção

Felipe Azambuja

Isa Honório

Leticia Lopes de Souza

Maria Beatriz Peres

Estagiária

Naomi Mateus

Colaboradores desta edição

Carlitos Marinho

Luiza Yasumoto

Nayara Almeida

Paula Nishizima

Thais Campolina

Wilson Bueno

Capa

Foto de Kraw Penas com estilização inspirada na capa do livro Navalhanaliga (1980) de Alice Ruiz. Execução por Iuri De Sá

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Iuri De Sá



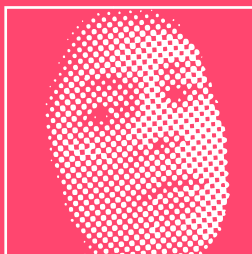
Cândido

imprensabpp@gmail.com | jornalcandido@gmail.com

bpp.pr.gov.br/Candido

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

[facebook.com/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

